

OS AVANTESMAS DO CAOS: O DUPLO SARAMAGUIANO E A REPRESENTAÇÃO DA CRISE DO SUJEITO PÓS-MODERNO PORTUGUÊS

**THE FORWARDS OF CHAOS: THE SARAMAGUIAN DOUBLE AS A REPRESENTATION OF THE CRISIS OF THE
PORTUGUESE POST-MODERN SUBJECT**

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v14i27p48-64>

Isabela Padilha Papke ¹

RESUMO

O trabalho analisa a obra *O Homem Duplicado* (2002), de José Saramago, por meio de uma perspectiva sociológica da literatura. Pretende-se refletir, a partir do fenômeno do duplo instaurado no cotidiano do protagonista, como se esboça uma alegoria da crise de identidade do sujeito português no mundo pós-moderno e no sistema capitalista. A fim de compreender as noções das identidades dos sujeitos em contextos modernos e pós-modernos, pauta-se em teorias como as de Hall (2006), Harvey (2006) e Han (2015). Com base em Souza Santos (1994), objetiva-se compreender as relações entre o contexto pós-moderno português e a obra literária em questão, evidenciando possibilidades interpretativas, as quais elucidam questões abordadas no romance, bem como as relações de Saramago com a escrita e a Literatura.

PALAVRAS-CHAVE

Saramago; Duplo; Identidade; Romance.

ABSTRACT

*In this paper, we analyze the work *O Homem Duplicado* (2002), by José Saramago, through a sociological perspective of literature. We intend to reflect, from the phenomenon of the double established in the protagonist's daily life, how an allegory of the identity crisis of the Portuguese subject in the postmodern world and in the capitalist system is outlined. In order to understand the notions of subjects' identities in modern and postmodern contexts, we oriented ourselves on theories such as those of Hall (2006), Harvey (2006) and Han (2015). Based on Souza Santos (1994), the objective is to understand the relationships between the Portuguese postmodern context and the literary work in question, pointing out interpretative possibilities, which elucidate issues that are addressed in the novel, such as Saramago's relations with writing and Literature.*

KEYWORDS

Saramago; Double; Identity; Novel.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

O presente trabalho é um recorte da dissertação, por mim feita, intitulada “(Des)conhece-te a ti mesmo: o duplo como crise identitária em *O homem duplicado*, de José Saramago” (PAPKE, 2021), que versou sob uma análise literária de cunho sociológico, com o intuito de analisar o modo como José Saramago insere o fenômeno do duplo na obra *O Homem Duplicado* (2002), de forma a delinear uma cartografia da crise identitária da personagem protagonista. Deste modo, pretendemos, neste trabalho, redigir considerações acerca dessas reflexões, de modo mais sucinto e de forma a focar as reflexões da obra com relação ao desenvolvimento de seu personagem protagonista, Tertuliano Máximo Afonso.

Tanto a dissertação, quanto o presente artigo, nasceram da necessidade de evidenciar o modo como Saramago faz o uso de sua literatura como aspecto de engajamento social, de denúncia e reflexão mediante a contextos políticos, históricos e sociais vivenciados por ele, enquanto ser humano. Saramago, sempre que pode, demarcou seu lugar na sociedade, bem como refletiu sobre ele por meio de suas obras. Quando indagado acerca da função do escritor, sempre afirmava que esta transcende o papel de apenas revelar uma história: “ser escritor não é apenas escrever livros, é muito mais uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p.126).

Antonio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), pontua que a posição do artista é um aspecto estrutural na sociedade. No presente trabalho, questionamos como a sociedade atribui um papel específico ao criador de arte e como define sua posição em uma escala social, o que faz considerar o aparecimento do artista individualmente, com posição e papel configurados, e o artista como grupo. Devemos considerar que, como tais, apresentam-se em sociedades estratificadas. O teórico ratifica, também, que a arte coletiva é aquela criada por um indivíduo a ponto de se identificar as aspirações e os valores de seu tempo. No entanto, são colocados em voga questionamentos sobre a obra ser (ou não) fruto da iniciativa individual ou de condições sociais, quando, na verdade, ela surge na confluência de ambas, indissoluvelmente ligadas. Esse fato retoma o problema da função do artista, de sua posição social e de quais são os limites da sua autonomia criadora.

Deste modo, partindo dessas questões, pretende-se, nesta análise, esmiuçar os desdobramentos sociais da obra de Saramago, *O Homem*

Duplicado, de modo a revelar as influências e as confluências do contexto social na produção artística de Saramago.

1 CONHECENDO O PRINCÍPIO CAÓTICO: A HISTÓRIA DE TERTULIANO MÁXIMO AFONSO

A obra *O Homem Duplicado* (2002), em suas primeiras linhas, apresenta-nos o personagem protagonista, Tertuliano Máximo Afonso, professor de história, divorciado e depressivo. Tertuliano tem uma rotina monótona e enfadonha, que é muito bem descrita e reforçada pela narração saramaguiana da obra. A história deste personagem modifica-se ao assistir a um filme, por recomendação de um colega de trabalho. Ao ver a trama, o personagem se descobre incrivelmente semelhante a um dos atores coadjuvantes, e passa a questionar quais seriam os vínculos prováveis que ele poderia ter com tal homem, mediante as semelhanças brutais entre ambos. As cento e dez páginas de narração, posteriores ao acontecimento, trazem a obsessiva e desesperada busca de Tertuliano pela identidade do ator. Quando o percurso obtém seu famigerado sucesso, revela-se que o ator se chama António Claro, atendendo pelo nome artístico de Daniel de Santa Clara. A partir daí, inicia-se outra jornada: a busca pelo ator em pessoa.

Quando há o encontro definitivo dos duplos, começa uma das discussões mais importantes da narrativa, que consiste em uma problemática que é incitada por Tertuliano. Ao perceber que não possui ligações familiares com o ator, ele questiona sobre a possibilidade de saber se existe uma cópia ou um original entre os dois, e qual deles seria uma cópia. Os dois entram num embate e decide-se que Tertuliano é a cópia, por ter nascido minutos após António Claro. Esse raciocínio leva a uma delimitação do poder e dos territórios em que cada um poderia circular. António Claro, por ter nascido antes e ser considerado o original, é quem decide os domínios em que Tertuliano poderá ou não circular, o qual consente a situação que lhe é imposta.

O terceiro momento da narrativa consiste na proposta de troca de identidades. António Claro sugere a Tertuliano a troca de identidades para verificar se alguém seria capaz de distingui-los. O primeiro, numa posição excessiva, diz a Tertuliano que necessita passar uma noite de amor com Maria da Paz, sua namorada, para averiguar se ela seria ou não capaz de perceber que ele e Tertuliano eram pessoas distintas, alegando que precisava dessa comprovação para ficar tranquilo mediante a situação que estava vivenciando. Tertuliano se vê incapaz de negar o pedido e concede o aval para tal atitude.

O plano acaba por dar errado, já que Maria da Paz descobre que Tertuliano era, na verdade, António Claro. Eles discutem dentro do carro, o que ocasiona um acidente automobilístico e ambos falecem. O original falece na condição de cópia e quem é tido como morto é Tertuliano. Tertuliano, por outro lado, vai ao encontro de Helena, mulher de António Claro, passa a noite com essa e tudo corre bem. No dia seguinte, ao se deparar com a notícia da morte de Maria da Paz e de António Claro, resolve contar a verdade apenas para sua mãe e para Helena. Essa o aconselha a não desfazer a troca de identidade, pois não vê alternativas como isso possa terminar bem. Tertuliano, portanto, acaba por abraçar a identidade de António Claro por completo.

A narrativa finda com uma cena instigante: Tertuliano está sentado em uma cadeira quando toca o telefone. Uma voz idêntica à sua lhe diz as mesmas coisas que ele dissera a António Claro, quando ligou pedindo um encontro pessoal. Nesse momento, Tertuliano fica angustiado, mas decide encontrar a cópia, armado. Com base nessa cena, subentende-se que, agora, ele sabe que não há como existir dois iguais. A narrativa, então, termina sem uma solução final, gerando a sensação de que tudo que aconteceu faz parte de um ciclo vicioso e infundável.

Mediante esse enredo, no presente trabalho, pretendemos realizar uma reflexão sobre como a obra, por meio do tema do duplo, instaurado no cotidiano do personagem protagonista, esboça uma alegoria da crise de identidade do sujeito português no mundo pós-moderno e no sistema capitalista, observando a postura de Tertuliano em relação aos fatores postos pela narrativa. Embarquemos em nossa análise.

2 O CAOS MOSTRA SUA FACE: BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DA FIGURA DO SUJEITO PÓS-MODERNO

Como forma de introduzir algumas questões analíticas, iniciaremos um debate de forma breve, que prima por compreender a consolidação do que seria a pós-modernidade e o sujeito pós-moderno. Stuart Hall, em sua obra *A Identidade Cultural na pós-modernidade* (2006), realiza uma reflexão que ruma no propósito de se fazer compreensível a destruição deste paradigma para o que temos acesso na atualidade. Como em Descartes, temos uma centralização do sujeito imposta, mediante as proposições de subjetividade e centralidade advindas do renascimento e do humanismo, instaurando o espírito moderno e as discussões acerca da possibilidade da formação de

uma identidade cultural do homem na modernidade. O espírito pós-moderno buscou descentralizar este sujeito, e fez isto com base em cinco acepções teóricas que se consolidaram no mundo científico. A partir disso, o autor postula a hipótese de cinco descentramentos do sujeito.

Hall pontua como primeiro descentramento as tradições do pensamento marxista, ecoadas principalmente no século XIX, quando intérpretes e adeptos da teoria de Marx pontuaram que os indivíduos não poderiam exercer o papel de autores ou de agentes da história, já que agiam apenas de acordo com condicionamentos históricos criados pelos outros e sob os quais nasceram, utilizando-se de recursos materiais e culturais que lhes foram fornecidos por gerações anteriores.

O segundo grande descentramento pontuado pelo autor, localizado no século XX, foca-se na ascendência das teorias de Sigmund Freud. Hall pontua que o psicanalista crê que nossa identidade, sexualidade e desejos são arquitetados em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que se distanciam do processo lógico da razão, o que desloca o sujeito racional, unificado e de identidade fixa de Descartes. Nesse sentido, podemos compreender que, na vertente psicanalítica, a identidade é formada ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, inatos à consciência do sujeito, pois há sempre algo de imaginário, de fantasia na unidade do sujeito, o que cria a sensação de incompletude, de processo em andamento, de estar em formação.

Já o terceiro descentramento é associado a Ferdinand de Saussure, que afirmava que “não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua” (HALL, 2006, p. 40), pelo fato de a língua ser um sistema social que preexiste a nós mesmos. Podemos concluir, portanto, que, por meio de Saussure, tivemos a elucidação de que nem mesmo o que dizemos e o modo como dizemos são um pressuposto individual, afinal usamos a língua para nos comunicarmos e esta é de âmbito coletivo, e não individual.

O quarto descentramento se instaura com as teorias de Michel Foucault, que realiza uma genealogia do sujeito moderno e destaca o poder disciplinar, iniciado no século XIX e ecoado no mais alto timbre no século XXI. A teoria foucaultiana elucida o fato de que o sujeito não possui autonomia perante as próprias ações, sendo controlado socialmente por regras impostas; sendo assim, a noção de um sujeito soberano, individual e centralizado em

seu mundo é dissolvida por completo, ao mesmo tempo que se elucida que nossos passos são vigiados na sociedade disciplinar foucaultiana.

O quinto e último descentramento pontuado por Hall (2006) pauta-se no impacto das teorias feministas no que diz respeito à crítica teórica e movimento social, pelo fato que o feminismo questionou as delimitações dos espaços públicos e privados, abrindo espaço para contestação políticas dos espaços sociais como família, sexualidade e trabalho, provocando uma reflexão acerca de como nos formamos enquanto sujeitos frutos dessa sociedade, politizando a subjetividade, a identidade e os processos de identificação do sujeito

Podemos perceber, portanto, que o fato de a concepção do sujeito moderno se dar na modernidade tardia não foi simplesmente um processo de descontração; foi, na verdade, um deslocamento, que é descrito por muitos por meio de rupturas do discurso moderno. Agora que somos capazes de compreender, ainda que de forma sucinta, o modo como se deu a transição da aceção moderna de sujeito para a aceção pós-moderna de sujeito no campo teórico das ciências humanas, passemos a observar essas mudanças nos cenários político e socioeconômico.

David Harvey (2006), em seu livro *A condição pós-moderna*, constrói um interessante panorama da construção da pós-modernidade nos macrocosmos político e econômico. O autor realiza um notável estudo sobre a mudança dos sentidos temporais e espaciais na transição da modernidade para a pós-modernidade. Menciona que uma das questões que provocaram tal transição fora a crise do capitalismo no pós-guerra, causada pelo fim do equilíbrio nas relações de produção e de consumo, o que gerou o conhecido período de superacumulação e, conseqüentemente, uma desvalorização dos produtos e do trabalho. Deste modo, a opção encontrada para reverter essa situação foi uma mudança no *locus* temporal, acelerando o tempo, a fim de se absorverem os dados antecedentes acumulados, criando um contexto de investimento a longo prazo, superávits, etc. Essa crise da superacumulação, que chegou a seu auge em 1973, transformou a experiência de tempo e de espaço de tal forma que fez nascerem narrativas sobre a efemeridade e a fragmentação, bem como serem representantes de práticas culturais também preceitos que anteriormente só estavam vinculados à política e à economia.

Em sua obra, *A sociedade do cansaço* (2015), Byung-Chul Han defende que a mudança no quadro social da sociedade, causada pelo capitalismo pós-moderno, é fruto do desejo de maximizar a produção, o qual advém da já referenciada alteração dos parâmetros de tempo e de

espaço, realizada para reverter a crise capitalista, haja vista a superacumulação. Han alega que a multitarefa do homem pós-moderno é um retrocesso que não lhe permite parar para observar os acontecimentos da própria vida, o que, a nosso ver, com base em Nietzsche, faz nossa civilização caminhar para uma barbárie, justamente porque não há repouso. A sociedade do desempenho e a sociedade ativa geram um cansaço e um esgotamento excessivos, pois restabelece a dualidade retirada no cansaço solitário, o que, de acordo com Han, extenua o espírito; é um cansaço profundo que afrouxa as presilhas da identidade.

3 ONDE O CAOS SE INSTAURA: A QUESTÃO IDENTITÁRIA E TERTULIANO MÁXIMO AFONSO

A esse respeito, vale a pena voltarmos para alguns conceitos de Zygmunt Bauman, em sua obra *Identidade* (2005), que, ao afirmar que os sentimentos de deslocamento e de não pertencimento são uma atitude perturbadora, revela que, constantemente, identidades flutuam diante dos sujeitos e, a todo instante, esses tentam integrar-se na presença delas. Apoiando-se em George Simmel, o teórico argumenta que essa busca pela identidade faz com que o sujeito consiga apenas vislumbrar um eu já postulado, pelo qual se empenha e pelo qual acaba avaliando e censurando os próprios movimentos. A identidade acaba por ser o fruto de uma invenção, de um esforço; não é imanente.

Quando a identidade perde as âncoras sociais que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante para os indivíduos que buscam desesperadamente um ‘nós’ a que possam pedir acesso (BAUMAN, 2005, p. 30).

Bauman disserta que a identidade se torna uma necessidade gerada na experiência humana, e o mundo líquido moderno mantém o sujeito refém de identidades em movimento, cabendo-lhe apenas se alinhar a elas.

Direcionando-nos agora para a análise de *O Homem Duplicado*, vislumbramos essa questão de uma maneira categórica no personagem de Tertuliano Máximo Afonso. Como já aqui delineamos, ele é construído de modo a fazer-nos perceber sua inerente não satisfação diante da vida e sua incapacidade de ação de mudança desta realidade. Na narrativa, temos conversas extensas entre ele e o professor de matemática de seu colégio, que acredita que, se Tertuliano tivesse mais lazeres em sua vida pessoal, toda sua depressão e seu descontentamento se esvairiam.

Contudo, quanto mais passamos a conhecer a personagem, mais temos a noção de que nada disso realmente a contempla, porque o protagonista não se sente pertencente aos espaços que integra. Tertuliano manifesta uma sensação recorrente de deslocamento, que é transposta pela maneira como lida com sua vida, sem fazer questão de nada. Ele é alguém que se recusa a viver uma vida que não escolheu, mas que fora a ela condicionado: “Contentar-me-ia com pouco, se o tivesse, Algo terá por aí, uma carreira, um trabalho, à primeira vista não lhe encontro motivos para lamentos” (SARAMAGO, 2019, p. 14).

Em seu artigo “As muitas faces do homem duplicado na pós-modernidade” (2007), Madalena Machado afirma que o dissenso evocado na figura do protagonista “dimana a afirmação da subjetividade descentrada que o pós-modernismo problematiza” (MACHADO, 2007, p. 3). Tertuliano vive à mercê de tentar recuperar a capacidade de agir e de lutar por seus objetivos, lida com sentimentos voláteis, confia pouco em si mesmo, vive retraído socialmente e retraindo a possibilidade de lidar com seu eu. É sempre controlado por uma “fachada de civilidade que o afasta dos outros e ainda mais de si mesmo, gera uma opressão crescente à medida que parece inadiável voltar-se aos interesses da personalidade” (MACHADO, 2007, p. 4). Instável, com falas repletas de paradoxos, é um homem pós-moderno, deslocado, descontinuado, subjetivamente delirado, desunificado e completamente descentrado em sua realidade.

Se retornarmos a Stuart Hall (2006), veremos que o estudioso pontua que, em um mundo em que a individualização é um excesso, a identidade transita na linha tênue entre ser sonho ou pesadelo, causando crises, pois o ato de caber em uma identidade configura unir-se a um grupo, em uma sociedade que prima pela individualização. Essa noção de um sujeito alinhado aos aspectos estruturantes da sociedade reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o núcleo interior do sujeito não é autônomo, mas sim constituído de relações com outros sujeitos, valores e sentidos, fazendo com que a identidade, nesse contexto, preencha o espaço vazio entre mundo pessoal e mundo público.

Hall afirma que fazemos uma projeção de nós mesmos nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus valores e seus significados como se fossem nossos, o que fortalece a ideia de alinhamento da subjetividade de nossos sentimentos com os lugares objetivos que ocupamos em um mundo cultural e social. “A identidade, então, costura

(ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis" (HALL, 2006, p. 2).

Tertuliano Máximo Afonso pode ser exemplo disso. Ele fora um sujeito que nunca se conformou com sua condição. O romance de Saramago faz ecoar vários de seus traços de desestabilidade e descontentamento mediante a própria condição, que, inclusive, constituem-se como categóricos: "Eu sei lá, coisas, por exemplo, que não sou considerado como julgo ser merecedor" (SARAMAGO, 2019, p. 70). No entanto, a narrativa realiza um movimento muito potente, neste sentido, que é o fato de o personagem só questionar em voz alta sua necessidade de ser mais valorizado quando vê a possibilidade de se ver duplicado em outro homem, materializando-se em um outro, cuja vida lhe soa mais agradável, em todos os eixos.

Cuidado com a soberba, Tertuliano, repara no que tens andado a perder não sendo actor, poderiam ter feito da tua pessoa um director de escola, um professor de Matemática, para professora de Inglês é evidente que não darias, terias de ser professor. Satisfeito consigo mesmo pelo tom da advertência, o senso comum, aproveitando que o ferro estava quente, descarregou outra vez o malho em cima dele, Obviamente, terias de ser dotado de um mínimo de talento para a representação, além disso, meu caro, tão certo como chamar-me eu Senso Comum, obrigar-te-iam a mudar de nome, nenhum actor que se preze ousaria apresentar-se em público com esse ridículo Tertuliano, não terias outro remédio que adoptar um pseudónimo bonito, ou talvez, pensando melhor, não fosse necessário, Máximo Afonso não estaria mal, vai pensando nisso (SARAMAGO, 2019, p. 94-95).

Podemos observar, por meio dos excertos, que já se induz o leitor, de modo jocoso e irônico, a perceber que está havendo uma mudança no subconsciente do personagem, que Tertuliano já não é o mesmo passivo de antes. Agora, já é capaz de julgar merecer para além do que possui. Essa virada acontece a partir do choque da fragmentação de sua identidade, ao descobrir-se não único no mundo. Quando Saramago nos convida a entender o que originou o caos por meio de uma aguçada e labiríntica narração, estava, de certa forma, preparando-nos para entender a complexidade não tão evidente de Tertuliano. Antonio Candido, em seu texto *A Personagem do Romance* (2014), pontua que

Cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento da realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto. Esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos (CANDIDO, 2014, p. 79-80).

A unificação de tal fragmentariedade é a composição que nos leva à constituição da coerência de Tertuliano, que se metamorfoseia em sua incessante busca de si mesmo, que resulta em uma perda completa de si. Só seremos capazes de compreender este processo ao inaugurarmos o terceiro aspecto analítico deste texto, a relação privada de Portugal com a pós-modernidade.

4 EXISTE MESMO UMA ORDEM PARA O CAOS? O PROBLEMA DA PÓS-MODERNIDADE EM PORTUGAL

Após nosso percurso até aqui, resta-nos perguntar: como o contexto social em que a obra foi escrita influencia a sua compreensão? Para darmos a resposta, precisamos, antes, fazer mais um passeio teórico a fim de compreender as relações existentes entre Portugal e o contexto pós-moderno.

Boaventura de Souza Santos, em sua obra *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (1994), afirma que, no sistema mundial de Estados, temos os países de centro, que possuem um capitalismo avançado; os países de terceiro mundo, denominados periféricos; e a zona intermediária, que engloba alguns países socialistas e capitalistas da Europa, os chamados semiperiféricos, um desses é Portugal.

Por estes fatores, o pós-modernismo é um assunto delicado para os portugueses. A sociedade portuguesa, por ser semiperiférica, é uma sociedade de desenvolvimento intermediário, o que a coloca, em âmbitos mundiais, no papel de realizar o intermédio entre países centrais e países periféricos; em contrapartida, em sua lógica interna, existe uma heterogeneia em seus princípios regulativos e emancipatórios.

Há também o fato de que a rematerialização da sociedade civil portuguesa acaba por ser considerada fraca, uma vez que as bases de sua sociedade ainda se encontram na prática de agricultura familiar, incomum em países do centro, gerando um déficit nas práticas de classes e uma volatilidade política destas, bem como um conflito entre capital e trabalho. Portanto, a heterogeneidade interna do princípio de comunidade em

Portugal é derivada de suas frações, do duplo pertencimento e da contradição de classe, que contribuem para o descentramento da relação entre capital e trabalho nos portugueses.

Por fim, Santos (1994) pontua que a terceira característica do Estado português é o fato de que sua autonomia e seu autoritarismo abriram espaço para promovê-lo como agente de modernização da sociedade. Contudo, o teórico pontua que essa é uma premissa problemática, pois as lógicas de racionalidade que compõem a emancipação moderna se configuram de forma a tornar ainda mais complexo o princípio de regulação da sociedade portuguesa, condicionando-a à dependência mimética de países centrais, que culminou em um domínio da racionalidade cognitivo-instrumental, bem como no domínio prático-moral. Indo além, podemos citar a existência de um domínio da racionalidade estético-expressiva portuguesa, o que faz o sociólogo colocar em questão o fato de que, talvez, a sociedade portuguesa seja vivente de um pré-modernismo.

A sociedade civil portuguesa é considerada fraca política e economicamente, sendo atomizada e fragmentada, a julgar-se pelos padrões vindos de países centrais. No entanto, há sociedades civis de países centrais julgadas de acordo com padrões de organização em que a sociedade portuguesa é forte. Por muitos a posição de pré-modernismo é considerada arcaica. Santos (1994, p. 89), inclusive, ressalta dois pontos importantes: em primeiro lugar, representa predominantemente uma estratégia de sobrevivência, que raramente chega para atingir um nível de vida decente; em segundo lugar, é uma organização social particularmente dominada pelo poder do patriarcado, e, portanto, pela desigualdade sexual e pela exploração do trabalho infantil.

Em contrapartida, os resultados vindos da agricultura familiar portuguesa podem ser considerados muito positivos, “transformando-a numa estratégia de afluência e qualidade de vida e democratizando as suas práticas produtivas e reprodutivas” (SANTOS, 1994, p. 89), o que maximiza o potencial produtivo português, permitindo uma melhor qualidade de vida, proporcionando um equilíbrio entre trabalho rural e trabalho urbano, impedindo o congestionamento urbano com a fixação da população no campo.

Na sociedade portuguesa, há constante diálogo entre as políticas velhas e as novas, um constante flerte entre tradição e ruptura; ela vive sempre rodeada de curtos-circuitos, seja em reivindicações materiais que

envolvem salário e segurança social, seja em reivindicações contemporâneas, como ecologia, políticas antinucleares, igualdade sexual e racial. Além disso, como Portugal possui uma hegemonia de mercado mitigada, o país tem menos oportunidades de escolha, quando comparado a um país central. Esse aspecto, porém, possui um lado positivo: “uma política menos centrada na amplificação das escolhas e mais centrada na capacidade de escolher” (SANTOS, 1994, p. 90).

Para finalizar, no que diz respeito aos apontamentos de Santos (1994), devemos compreender que, ao nos tornarmos conscientes da irracionalidade global, tomamos consciência de que apenas podemos combatê-la localmente; isso significa que, quanto mais universal é um problema, mais locais são as suas soluções. O autor nomeia essas múltiplas soluções de socialismo, que se posiciona radicalmente em seu localismo, deixando-nos a certeza de que, nessa problemática pós-moderna, impera a maior problemática de todas: a de que a universalidade capitalista não dá conta dos problemas locais que provoca e, dessa forma, as metamorfoses dos sujeitos em decorrência de suas problemáticas poderiam facilmente ser reduzidas com o fim desse sistema.

Agora que se compreende, ainda que de maneira geral, como a sociedade portuguesa lida com o pós-modernismo e suas questões, temos a noção de qual lugar e de qual âmbito enuncia o sujeito autor com o qual lidamos. Como pudemos observar, o contexto pós-moderno em Portugal é complicado por múltiplos fatores; em vias de ser um escritor português e politizado, Saramago enfrenta lucidamente esses embates do contexto político em que viveu. Dessa forma, entendemos mais intrinsecamente a forma como ele constrói o sujeito na obra que, ao longo deste trabalho, tentamos analisar. Compreender o macrocosmo português nos leva a uma reflexão muito pertinente: a crítica envolta na construção de um sujeito pós-moderno como protagonista de uma obra pós-moderna é uma crítica ferrenha desse posicionamento. Ao se tratar de um país em que a modernidade não se instaurou com firmeza, torna-se difícil pensarmos a pós-modernidade, concebermos um sujeito pós-moderno. Tertuliano é a representação da impossibilidade da existência de um sujeito pós-moderno em Portugal, pois considerar sobreviver neste mundo é perder qualquer invólucro de essência, qualquer rastro de originalidade, se perder em meio ao caos e ser cópia.

Madalena Machado, em seu artigo “Pensar o ser e o agir em *O Homem Duplicado*” (2004), assinala que o título da obra não esclarece quem é o homem que foi duplicado e quem é sua cópia, afinal, mesmo que a narrativa se centre na perspectiva de Tertuliano, no fim das contas, quando ele se encontra com António Claro, quem acaba sendo a cópia é ele mesmo. Esse golpe implacável na narrativa retira de Tertuliano a capacidade de ação que lhe fora entregue ao se descobrir duplicado, pois esse fator o retira do seio de seu cotidiano, colocando um “extra” em seu ordinário. No entanto, ao entender-se cópia, ele retorna ao seio da passividade em que se encontrava.

De modo geral, Tertuliano sempre se coloca em posição de completa subordinação em relação a António Claro, nunca tendo controle da situação. Inclusive, quando este exige a troca de identidade e, até mesmo, viver uma noite com sua namorada, Tertuliano nada faz para impedir. Ressaltamos, inclusive, que António Claro sugere a troca justamente por ter a ciência do traço omissivo de personalidade do protagonista. Muito além do horário de nascimento posterior ao de António Claro, Tertuliano possui toda uma postura de cópia, já que é subserviente ao seu original. Durante a busca pelo nome de seu duplo, fica completamente obcecado por ele; deixa de pensar em si mesmo; fica imaginando como seria sua vida se tivesse a vida de seu outro, se fosse ator, se tivesse seguido outro rumo.

Pela vida, vivências de ambos encontramos a dimensão com que se medem e são. Por isso o mistério? O que vem ao encontro deles a fim de ser tomado como medida? É o desconhecido? A estranheza de seu caso? Desta, pode-se entrever a proximidade que os explica? A narrativa deixa um rastro de interrogações e o homem jogado entre marasmo e ousadia vai se construindo a passos frouxos ou entusiasmados por saber quem seja. Isto é característico da produção literária de José Saramago ao colocar na mão do homem a decisão do seu destino (MACHADO, 2004, p. 5).

Saramago constrói uma retórica sobre um espectro de ilusões redigido no romance: Tertuliano deixa de ser quem é, de viver sua vida ao procurar o alguém que representa o seu vir a ser. Em tal espectro, jamais poderá ser ele mesmo, jamais poderá encontrar-se, pois há um macrocosmo político e um econômico de distância entre ele e António Claro. Terry Eagleton, em sua obra *As Ilusões do Pós-Modernismo* (2012), ajuda-nos a compreender essa questão:

Há um tipo parecido de contradição incorporada ao pós-modernismo, que também é simultaneamente radical e conservadora. Uma característica marcante das sociedades capitalistas avançadas encontra-se no fato de elas serem tanto libertárias como autoritárias, tanto hedonistas como repressoras, tanto múltiplas como monolíticas. E não é difícil descobrir a razão disso. A lógica do mercado é de prazer e pluralidade, do efêmero e descontínuo, de uma grande rede descentrada de desejo da qual os indivíduos surgem como meros reflexos passageiros (EAGLETON, 2012, p. 101).

Ao mesmo tempo que a figura de António Claro se constrói como uma possibilidade, como uma esperança, como um herói que possui pulso e atitude, também se instaura como aquele que oprime, que impõe e que se sobrepõe, que não deixa alternativas. O segmento final da narrativa – que segue pelo fato de a troca de identidades entre Tertuliano e António Claro jamais poder ser desfeita e, principalmente, de esta se dar de maneira obrigatória, ainda que Tertuliano desejasse ser como António Claro – faz pensar que esse desenrolar nunca estivera em seus planos. Essa narrativa soa como eco do que vive Portugal em relação aos países centrais, de um capitalismo bem consagrado e evoluído: a sociedade portuguesa, mesmo na tentativa de resistir a determinados processos, mantendo sua economia alinhada à agricultura tradicional, tentando não sucumbir por completo à derrocada do impulso moderno, acaba por ceder, ainda que de modo forçado, para não sucumbir economicamente.

Tertuliano é o reflexo de Portugal, é o reflexo do pessimismo saramaguiano, que grita em uma só voz que não crê em uma salvação nesse processo, como uma maneira de seu país sair ileso e os sujeitos não se tornarem apenas reflexo nesse mundo que faz os países e as pessoas perderem a sua autonomia. No mesmo ano de lançamento de *O Homem Duplicado* (2002), Saramago proferiu um discurso denominado “Este mundo da Injustiça Globalizada”, que nos dá suporte para nosso processo interpretativo se tornar mais claro.

Ora, se não estou em erro, se não sou incapaz de somar dois e dois, então, entre tantas outras discussões necessárias ou indispensáveis, é urgente, antes que se nos torne demasiado tarde, promover um debate mundial sobre a democracia e as causas da sua decadência, sobre a intervenção dos cidadãos na vida política e social, sobre as relações entre os Estados e o poder económico e financeiro mundial, sobre

aquilo que afirma e aquilo que nega a democracia, sobre o direito à felicidade e a uma existência digna, sobre as misérias e as esperanças da humanidade, ou, falando com menos retórica, dos simples seres humanos que a compõem, um por um e todos juntos. Não há pior engano do que o daquele que a si mesmo se engana. E assim é que estamos vivendo (SARAMAGO, 2002, p. 6).

É nessa reescrita da própria trajetória, no âmago caótico de uma sociedade que não se interessa em fazer o sujeito se descobrir por completo e refletir sobre seus processos, que o força a buscar o inalcançável, que exige a excelência, que incita a autocoerção, ou melhor, a auto exploração, que nasce *O Homem Duplicado*. Tertuliano se torna reflexo, cópia, a partir do momento que é levado a acreditar que o modo como vive é inferior ao de um outro, o que lhe incita uma ganância de poder mais na construção ilusória de um possível estado de satisfação, também ilusório, pois, se a vida de António Claro é tão interessante, por que ele insiste em trocar de lugar com Tertuliano?

No fim das contas, ambos são cópias, pois o original é a idealização criada pelo capitalismo como molde do mundo de oportunidades que se pode alcançar no seu universo, considerando apenas o próprio esforço dos indivíduos, o próprio mérito. No entanto, essa propaganda incita o egoísmo e a individualização, joga no indivíduo uma culpa que não é sua, mas que ele assume e acaba por criar um ciclo vicioso, em que o sujeito nunca se satisfaz. Permanece a insatisfação pulsante, pois é justamente dessa insatisfação que o capitalismo sobrevive. Sua missão não é tornar o sujeito completo e cheio de si, e sim fazê-lo perder-se, deslocar-se, sentir-se culpado em meio a um mar de opções, até se ver sem opções e, dessa forma, continuar à procura de algo que nunca encontrará.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis o paradoxo pós-moderno e eis a raiz das contradições do romance saramaguiano: não há como galgar uma trajetória de autoconhecimento em uma sociedade que sabota esse processo. Não há como escrever a história, falar de um homem, colocar um ponto final em um contexto em que tudo vai no rumo do incerto, do fragmentário, em que tudo caminha para a dissolução.

Saramago, ao fazer de *O Homem Duplicado* a trajetória de um ser humano que tenta ser humano em um mundo desumano e falho, põe em

questão um indivíduo que ousa tentar individualizar-se e falha, de um alguém que ousa tentar alcançar o vir a ser e morre na praia. Tertuliano tenta de todas as maneiras não sucumbir, mas sucumbe, rende-se. Tal como Portugal, a personagem tenta não sucumbir às rédeas capitalistas e, mesmo assim, sucumbe, pois sobreviver neste mundo é sinônimo de se render, de abandonar, de aniquilar para ter a chance de continuar.

Lukács, em sua obra *Marxismo e Teoria da Literatura* (2010), postula que a consolidação do capitalismo como sistema não significou o fim do desenvolvimento e da luta, mas que, a partir de tal consolidação, nossa luta como indivíduos sociais se torna ainda maior. Esse ser desumanizado em sua humanidade sofre as consequências desse sistema audaz. A literatura, neste questionamento e neste âmbito, faz-se extremamente necessária e tem grande papel. É pela arte que se elucida, que se combate, que se denuncia, que se revela a realidade.

A mensagem pessimista de *O Homem Duplicado* é o triste reflexo da sociedade a que se enquadra, sem contar que, mesmo o reflexo do sofrimento humano, é ainda um reflexo, é ainda falar sobre o humano. Neste trabalho, tentamos estudar a literatura para estudar o ser humano, para estudar a sociedade, pois, ao falarmos de um ser humano, estamos falando de todos os seres humanos; ao estudar um livro, estamos estudando literatura. Buscamos ser radicais indo às raízes de um homem ficcional, criado por um homem material. No caos de Saramago, impera uma ordem: a de ser radical, voltar a si mesmo, em toda e qualquer circunstância.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do Pós-Modernismo*. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachinni. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HARVEY, David. *A Condição pós-moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stella Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LUKÁCS, Gyorgy. *Marxismo e teoria da literatura*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MACHADO, Maria Madalena. "As muitas faces do homem duplicado na pós-modernidade". *Revista Garrafa*, v. 5, n. 17, 2007.

MACHADO, Maria Madalena. "Pensar o ser e o agir em *O homem duplicado*". *Revista Garrafa*, v.2, n. 4, p. 67-81, 2004.

PAPKE, Isabela Padilha. *(Des)conhece-te a ti mesmo: o duplo como crise identitária em O homem duplicado, de José Saramago*. 89f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Letras, Maringá, 2021.

SARAMAGO, José. *Este mundo da injustiça globalizada*. Porto Alegre: Editora Ciberfil Literatura Digital, 2002.

SARAMAGO, José. *O Homem Duplicado*. Lisboa: Porto Editora, 2019.

SOUZA SANTOS, Boaventura. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Editora Afrontamento, 1994.

Recebido em 28 de fevereiro de 2022


Aprovado em 25 de junho de 2022

Isabela Papke

Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

Mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá – UEM.

Contato: isabelappapke@outlook.com

 : <https://orcid.org/0000-0001-9127-1698>

A *Revista Desassossego* utiliza a **Licença Creative Commons Attribution** que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial neste veículo – **Attribution-NonCommercial-NoDerivates 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)**, e reconhece que os Autores têm autorização prévia para assumirem contratos adicionais separadamente para distribuição não-exclusiva de versão dos seus trabalhos publicados, desde que fique explicitado o reconhecimento de sua autoria e a publicação inicial nesta revista.